

Papo furado empobrece

E é por isso que o psiquiatra e ensaísta inglês Theodore Dalrymple, rigoroso analista da degradação social europeia, não tem paciência com os tabus e dogmas do progressismo

NELSON ASCHER



Crítico aguerrido de inúmeros modismos intelectuais, filosóficos e estéticos defendidos por um imenso clero instalado nas universidades, na imprensa e na máquina estatal; e defensor de propostas tão tradicionais como o encarceramento dos criminosos, Theodore Dalrymple é considerado, no mínimo, um conservador. Mas sua ampla experiência empírica (viveu na África, viajou extensamente pela Ásia e pelo mundo comunista, trabalhou no sistema carcerário britânico) faz de Dalrymple — pseudônimo do psiquiatra inglês Anthony Daniels — um interlocutor temido e respeitado. *Nossa Cultura... Ou O que Restou Dela* (tradução de Maurício G. Righi; É Realizações; 400 páginas; 59,90 reais), sua segunda coletânea a sair no Brasil (a primeira foi *A Vida na Sarjeta*), ilustra a variedade de seus interesses em 26 textos sobre criminalidade e drogas, política e sociedade, islamismo e comunismo, artes plásticas e muita literatura (há ensaios sobre D.H. Lawrence e William Shakespeare, Virginia Woolf e Stefan Zweig, entre outros).

Durante a última década e meia de sua carreira profissional, o doutor Daniels, aposentado desde 2005, foi psiquiatra de prisão, e esse trabalho lhe possibilitou acompanhar com atenção as mazelas sociais que mais o preocupam. A principal delas — tema que dá unidade ao livro — é o modo de vida degradado e degradante da crescente *underclass* de seu país e da Europa, um fenômeno no qual ele diagnostica a erosão provavelmente fatal de tudo o que havia de bom e vital em nossa cultura e civilização. A *underclass* de que ele fala, o setor mais pobre e menos qualificado da sociedade, situado em tudo abaixo dos trabalhadores convencionais, é formada majoritariamente

A CIDADE SEM MEMÓRIA

■ ■ Havana ostentava a refutação material de toda a historiografia apoiada pelo ditador (Fidel Castro) — a historiografia que justificou sua ditadura por quarenta anos. Segundo seu relato, Cuba era uma pobre sociedade agrária. As massas estavam afundadas na mais abjeta miséria e pobreza. Mas, em vez disso, Havana era uma cidade extensa, portadora de extraordinária riqueza e grandeza, apesar de haver uma coexistência entre riqueza e extrema pobreza (...). Portanto, tornou-se ideologicamente essencial que os traços materiais e mesmo a própria memória dessa sociedade fossem destruídos. ■ ■

Trecho do ensaio "Por que Havana estava condenada"



CULIENE CLEGG/ETTY IMAGES

O COLAPSO MORAL

■ ■ Para Virginia Woolf, o patriotismo é apenas uma das muitas 'lealdades irrealis' contra as quais ela se rebela. Lealdade à escola, universidade, igreja, clube, família, às tradições e estruturas de qualquer tipo é, para ela, o equivalente à alienação em Marx. (...) Lealdade a si mesma seria a única e real lealdade. Não é de estranhar que uma pensadora tal como a sra. Woolf, com sua latente desonestidade emocional e intelectual, provoque o colapso de todas as distinções morais, uma técnica vital a todas as escolas do ressentimento. ■ ■

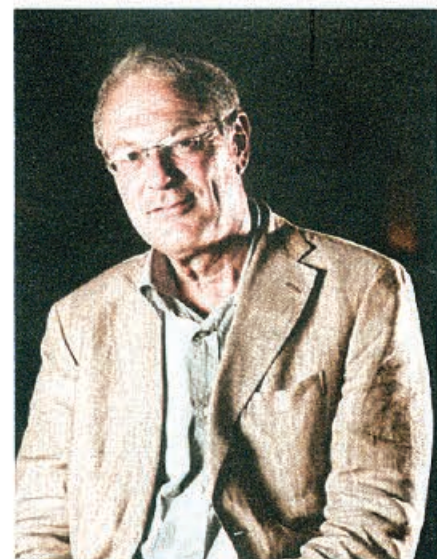
Trecho de "A cólera de Virginia Woolf"

cesso — entre outros, a criação de mais ministérios, secretarias e repartições assistencialistas? As respostas que Dalrymple fornece e, mais grave ainda, as outras perguntas que coloca são desafios frontais a alguns dos mais arraigados tabus atuais. Em vez de simplesmente condenar os suspeitos de sempre — o capitalismo, o imperialismo, os mercados ou os americanos —, ele reparte as responsabilidades entre o Estado

paternalista, as elites políticas e intelectuais (que criam e estabelecem os valores irresponsáveis e, no limite, nihilistas que acabam norteando a vida da maioria) e, pecado dos pecados, as próprias vítimas, que amiúde têm, sim, escolha e sabem o que estão fazendo, mas se conformam com soluções imediatistas e facilmente gratificantes.

cluídos (assim como o dos poderosos que dizem fazer o mesmo) não é o único ponto que aproxima os escritores. Os dois, por exemplo, foram buscar seus primeiros empregos em rincões remotos do Império Britânico (Birmânia no caso de Orwell; Rodésia/Zimbábue no de Dalrymple) justamente para conhecê-lo — o império — melhor, por dentro. Ambos procuraram também, cada qual a seu modo, conviver de fato com a *underclass*, tanto a dos "nativos" coloniais como a dos seus concidadãos. Seja como for, trajetórias como essas serviram não tanto para lhes revelar uma verdadeira, embora oculta, face da realidade como para vaciná-los contra certezas simplistas. Aproxima ambos os escritores também a crença comum

Pôr em dúvida a sabedoria consensual de uma intelectualidade que, quando questionada, se refugia atrás da muralha de suas supostas boas intenções inclui Dalrymple numa linhagem crítica seleta e rara. Trata-se da linhagem de outro portador de pseudônimo: George Orwell (nome real: Eric Blair). A coragem de contrariar as certezas de intelectuais arrogantes que distribuem tapinhas nas costas uns dos outros por tomar o partido dos destituídos e ex-



ROBERTO SUTTAN

IDEIAS TÊM CONSEQUÊNCIAS Anthony Daniels, que assina Theodore Dalrymple: mestre na arte de fazer perguntas incômodas

por desempregados e desajustados que vivem da caridade estatal, combinada, aqui e ali, com o crime. Embora a edição brasileira traduza a palavra por "classe baixa", não é bem a esta que o autor se refere, mas ao grupo que antigamente os marxistas chamavam, com certo desdém, de lumpemproletariado ou lumpesinato.

Entre as questões "inconvenientes" que o autor formula estão as seguintes: como sociedades ricas, desenvolvidas e dotadas de um grande Estado assistencialista geram cada vez mais gente assim e ainda recebem imigrantes só para incorporar muitos deles a esses grupos? E por que assistem impotentes à elevação associada de suas taxas de criminalidade, respondendo a tudo isso com doses sempre maiores dos mesmíssimos remédios já ministrados antes sem su-



A ANTISSOCIEDADE FRANCESA

■ ■ Uma espécie de antissociedade cresceu dentro dessas citês — uma população que deriva o significado de suas vidas a partir do ódio que nutre pelo outro, a 'oficial' cidade francesa. Essa alienação, esse abismo de desconfiança — maior do que qualquer outro que encontrei pelo mundo, incluindo as cidades segregadas da África do Sul durante os anos do apartheid — estão escritos na face dos jovens. (...) É possível ver carcaças de carros incendiados e destruídos por toda parte. Incendiar coisas virou moda nas citês. ■ ■

Trecho de "Os bárbaros nos portões de Paris", ensaio publicado por Theodore Dalrymple em 2002, três anos antes das revoltas que sacudiram os *banlieues* da capital francesa (foto acima)

no poder das ideias: para os dois, ideias ruins eram e são particularmente perigosas e só podem ser adequadamente combatidas por ideias claras, formuladas em linguagem clara. Dalrymple, como Orwell antes dele, é dono de um estilo enganosamente singelo, que parece não lhe ter exigido o menor esforço e que se contrapõe aos jargões obscuros e ilegíveis por meio dos quais os membros da intelectualidade não dizem nada, salvo que pertencem todos ao mesmo clube.

Apesar de sua experiência empírica, ou talvez por causa dela, Dalrymple não cai nunca na falácia de achar que uma longa viagem ou um contato pessoal lhe dariam acesso privilegiado a alguma profunda verdade. Em vez disso, prefere elaborar hipóteses explicativas recorrendo aos mais diversos tipos de informação. Um bom exemplo é sua análise a respeito da degradação que viu em Havana. Dalrymple se pergunta por que a ditadura cubana deixou a outrora bela capital do país cair aos pedaços, e descobre uma razão ideológica: a necessidade de apagar a memória da cidade (leia o trecho na pág. 86).

O olhar cético e inquisitivo lhe permite ver e entender um passado que a ideologia, a correção política, os consensos oportunistas e a burrice pura e

simples soterram sob espessas camadas de blá-blá-blá. Do mesmo modo, a clareza e a disposição de formular perguntas que o "clima intelectual" e seus representantes consideram de mau gosto (ou de direita, racistas, islamofóbicas etc.) permitem a ele chegar a respostas que apontam o rumo para onde as coisas se encaminham. Vejamos um caso. Em 7 e 9 de janeiro deste ano, jovens terroristas islâmicos perpetraram, em Paris, dois massacres que pegaram muitos analistas de surpresa. Dalrymple provavelmente não estava entre esses. Num dos ensaios mais importantes de seu livro, "Os bárbaros nos portões de Paris" (leia o trecho acima), referindo-se aos imigrantes, em particular aos

muçulmanos, ele escreveu: "A França tem lidado com a situação resultante da pior forma possível. A menos que ela assimile com sucesso esses milhões de pessoas, o seu futuro será sombrio. (...) Os habitantes das *citês* (periferias urbanas que concentram os imigrantes) se encontram excepcionalmente bem armados. (...) Uma população profundamente alienada se encontra, dessa forma, armada até os dentes. (...) O proselitismo islâmico floresce nas prisões francesas (onde 60% dos detentos são de origem imigrante), como aconteceu nas prisões britânicas". Esse texto premonitório foi escrito e originalmente publicado em 2002, treze anos antes dos atentados ao *Charlie Hebdo*. ■